

Checklist das espécies amazônicas de interesse agrônômico - Parte I

Angela M.C. LEITE (1); Eduardo Lleras PÉREZ (1); Fabiana Rocha CAMPELO (2);
Maura Regina RIBEIRO (2) e Caio Carlos da SILVA (2)

(1) Embrapa Amazônia Ocidental; (2) Estagiários Engenharia Ambiental ILES/ULBRA - EMBRAPA.

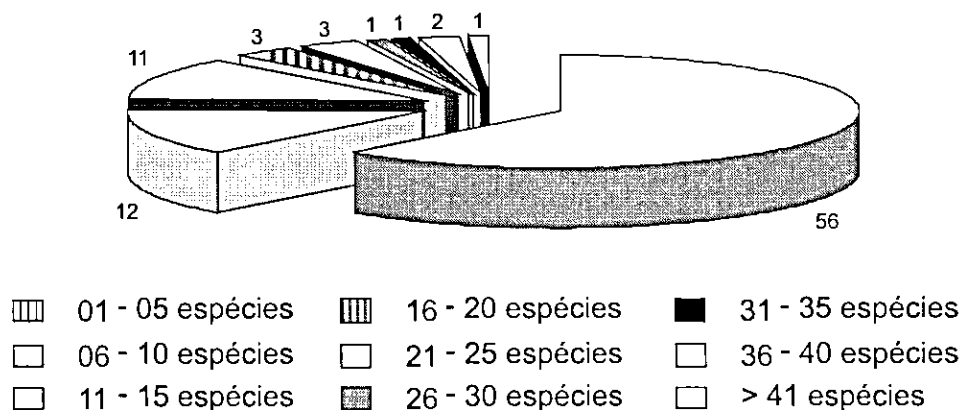
Ainda hoje no mundo, apenas uma pequena quantidade de plantas são consumidas como alimentos, produzidos em larga escala, para consumo humano. Cerca de apenas 150 espécies possuem importância no mercado mundial e somente 20 produzem a maioria dos alimentos do mundo sendo que as 4 maiores fontes de carboidratos ainda provêm de 4 culturas: trigo, milho, arroz e batata. A esperança de encontrar novas culturas estão centradas na diversidade de espécies existentes nas regiões tropicais (Plotkin, 1988). Excluindo-se as quatro culturas principais citadas, as três primeiras originárias das regiões de clima temperado, as demais espécies utilizadas pelo homem tiveram origem nas regiões tropicais, como por exemplo a banana, o tomate, o coco, o amendoim, o chocolate, a baunilha, a pimenta, o abacaxi, as frutas cítricas, o café, o açúcar, entre outros. Caufield (1982, citado em Plotkin, 1988), estima que 98% da produção de produtos agrícolas produzidos pelos Estados Unidos, são originários de outras regiões de fora daquele país. Entretanto, apenas essas poucas espécies tropicais já conhecidas do mercado internacional continuam tendo destaque na alimentação, embora exista um potencial muito maior de espécies capazes de complementar e enriquecer a alimentação e o paladar dos seres humanos, e com amplo potencial de industrialização para outros usos. Esse estado perdura por três fatores: 1) pela dependência, dos países em desenvolvimento, do mercado internacional na produção das culturas costumeiras, 2) pela falta de pesquisa e desenvolvimento de novas culturas, nesses países, que tornem capazes de colocar no mercado novas espécies para competir em termos de padrões de qualidade com as já existentes e 3) pelo estigma

que as espécies nativas ainda possuem para utilização em larga escala pelos seres humanos não silvícolas. Esse aspectos são também discutidos em Plotkin (1988), o qual cita que isso tem impedido o desenvolvimento dessas culturas. Schultes (1979), Prance (1982) e Balick (1985) fazem referência à Amazônia como fonte de novas espécies de plantas com potencial econômico. Willians (1988), referindo-se à identificação e conservação das plantas alimentares, aborda os três tipos de espécies silvestres de interesse para conservação citadas pelos conservacionistas e organizações financeiras internacionais: os progenitores das plantas cultivadas, espécies usadas e não domesticadas e aquelas que no futuro podem vir a ser utilizadas. Para cada caso, tanto o IBPGR quanto a FAO, possuem uma rede de atividades para promover a coleção, conservação, documentação e uso do germoplasma. Utilizando-se os levantamentos sobre as espécies amazônicas já coletadas e disponibilizadas nos principais herbários da região (IAN - Embrapa Amazônia Oriental, INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e MG - Museu Paraense Emilio Goeldi), foi realizado um levantamento preliminar (Parte I), do uso potencial destas, através de revisões de literatura e informações de cerca de 25 anos de conhecimentos sobre a Amazônia. A nomenclatura das espécies foi corrigida para sinonímia botânica e atualizada quanto aos nomes dos autores e famílias, usando fontes, na internet, como do Jardim Botânico de Missouri, o International Plant Nomenclature Index, o Grey Card Catalogue e o Index Herbariorum. Os nomes vernaculares das espécies foram evitados visto que estes variam entre regiões ou são comuns para espécies diferentes; também, visando preservar a busca

indiscriminada das espécies na região por pessoas não vinculadas à ciência. A utilidade potencial (17 itens, diretamente correlacionados com os interesses agrônômicos regionais) de cada espécie será apresentada na forma de Tabela, no painel, onde os nomes científicos e as famílias botânicas serão fornecidos. O potencial das espécies será citado em ordem decrescente, levando-se em consideração o número de espécies em cada grupo. As leguminosas, embora inicialmente separadas em três famílias (Caesalpiniaceae, Fabaceae e Mimosaceae), serão referendadas na Tabela 1 de acordo com o sistema do Jardim Botânico de Missouri, o qual considera todas como Fabaceae. Devido ao fato de este ser um trabalho pioneiro sobre o potencial agrônômico de espécies amazônicas, algumas das obras consultadas foram de cunho generalizado (Corrêa, 1984; Hohene, 19 ; Rizzini, 1990; Lorenzi, 1992 e Carvalho, 1994), isto é, considerando espécies de várias regiões, muitas das quais não identificadas como amazônicas. Poucas obras sobre espécies amazônicas fazem referências aos usos agrônômicos de algumas das espécies listadas (Loureiro & Silva, 1968; Prance & Silva, 1975; Rodrigues, 1989; Silva et al., 1977). Foram identificadas, até o momento, 668 espécies, incluídas em 91 famílias botânicas, indicando a diversidade vegetal existente na Amazônia e a ampla possibilidade de aproveitamento das mesmas na área agrônômica. O principal potencial agrônômico das espécies listadas nessa primeira etapa (Parte I), demonstra que a maior utilidade está no uso alimentício, seguido do aproveitamento como oleaginosas, e nos demais usos considerados. Poucas famílias possuem um número grande de espécies potenciais (39,76%, para famílias com até 20 espécies), enquanto que a maioria possui poucas espécies com potencial agrônômico (60,24%, entre 18 espécies e 1 espécie). As famílias mais importantes para utilização agrônômica estão entre as Leguminosas (FABACEAE), com o maior número de espécies com potencial agrônômico, seguida das Palmeiras (ARECACEAE). Algumas espécies apresentam mais de uma utilidade, sendo que *Anacardium occidentale*, *Bixa orellana*, *Cecropia peltata*, *Ceiba pentan-*

dra, *Pachira aquatica* e *Trema micrantha*, destacam-se pela multiplicidade de seus usos potenciais. Muitas Leguminosas já são amplamente trabalhadas no meio agrônômico, mas o uso das Palmeiras ainda é restrito. Para a Amazônia entretanto, nem todas as Leguminosas e Palmeiras têm merecido interesse, embora sejam muito representativas da diversidade e do potencial de utilização de espécies da região. Lorenzi et al. (1996) fazem referência à 132 espécies brasileiras de palmeiras, 66 amazônicas e 151 exóticas, o que significa dizer que esse grupo de plantas, embora com potencial de usos múltiplos, ainda não é valorizado, apelando-se para a utilização de espécies exóticas de Arecaceae. Dentre as espécies com interesse agrônômico, os gêneros mais representativos em número de espécies foram: *Inga* e *Passiflora*, com 21 espécies cada, seguidas por *Copaifera* (12 espécies), *Theobroma*, *Protium* e *Byrsonima*, cada uma com 11 espécies. Apenas com o levantamento da diversidade vegetal realizada nos principais herbários da região (Lleras et al., 1992 e Lleras et al., 1999a e 1999b), é que foi possível identificar as espécies amazônicas listadas no presente trabalho. Isso se deve ao fato de que o desconhecimento da biodiversidade e a falta de estudos etnobotânicos dificulta o conhecimento da utilização das espécies amazônicas, as quais são promissoras para vários fins. Isso está subentendido na palestra ministrada pelo Dr. G. T. Prance no 51º Congresso Nacional de Botânica, o qual cita que mais de 100 diferentes espécies vegetais podem ser utilizadas para os mais diversos fins em um única tribo indígena na Amazônia, desde a madeira para construção das ocas até o emprego medicinal e místico dessas espécies. Se esses povos desaparecerem, suas tradições e conhecimentos também serão irreversivelmente perdidos. Plotkin (1988) lista 8 espécies amazônicas (*Pourouma cecropiaefolia*, *Solanum quitoense*, *Bactris gasipae*, *Amaranthus caudatus*, *A. cruentus*, *A. hypochondriachus*, *Annona muricata* e *Mauritia flexuosa*) com potencial elevado de inclusão no mercado mundial de alimentos, além de outras espécies citadas como pesticidas naturais, produtoras de óleos e gorduras, e fibras. Schults (1979) também faz referência à espécies úteis

Figura 1. Número de espécies amazônicas, de interesse agrônômico, representadas por famílias botânicas.



neotropicais as quais podem ser amplamente utilizadas em Sistemas Agroflorestais. A principal utilização da diversidade de espécies vegetais (Mono e Dicotiledôneas) da Amazônia está relacionada ao uso das espécies como alimentícias, oleaginosas, forrageiras, resina, fibra, para celulose e papel, látex, lenha, melífera, inseticida, adubo verde, combustível, paina, cerca viva, crescimento rápido, fixadora de terrenos e alvejante, em ordem decrescente de potencialidade de uso. As famílias mais importantes, dentro do potencial

agrônômico, foram as Leguminosas (CAESALPINIACEAE, FABACEAE e MIMOSACEAE, *sensu stricto*) e as Palmeiras (ARECACEAE). Isso infere na importância do direcionamento das pesquisas agrônômicas na região, para esses dois grupos de plantas, especialmente no que se refere à utilização destas em Sistemas Agroflorestais, no intuito de ampliar-se o leque de possibilidade de aumento da utilização da diversidade vegetal regional e suas potencialidades, gerando avanços sócio - econômicos.